

A LÍNGUA ALEMÃ NO BRASIL E SEU ENSINO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Zelinda Tognoli Galati Moneta

O título em questão suscita muitas possibilidades de abordagem, porque os problemas relacionados com o ensino de qualquer língua estrangeira são de natureza muito variada. No presente caso, parece-nos que valeria a pena o seu enfoque de duas perspectivas:

1 — os objetivos do ensino do alemão, em face do mercado de trabalho no Brasil, isto é, quais as oportunidades que se oferecem no Brasil a um licenciado em língua e literatura alemã ou qual a aplicação, no Brasil, da aprendizagem da língua e literatura alemã;

2 — métodos e técnicas de ensino da língua alemã para estrangeiros, objetivando uma aprendizagem tão eficiente quanto possível.

Com relação ao item 1 é preciso lembrar em primeiro lugar aquilo que é inegável: a função primordial da educação, e portanto da escola, é preparar o homem para a vida. O ensino universitário em particular tem duas metas prioritárias no caso das Faculdades de Filosofia: a preparação do profissional para o magistério e a formação do pesquisador. Portanto, hoje em dia, entendemos a formação universitária não mais apenas como um aprimoramento intelectual, conforme ela era considerada até há bem pouco tempo. Mas ela é uma exigência de sobrevivência e de desenvolvimento nacional. Isso porque o país precisa de profissionais competentes e de homens capazes de propor soluções apropriadas às nossas necessidades, aos nossos problemas específicos. Caso contrário, correremos o risco de necessitar ainda por muito tempo seguir as soluções ditadas por outros povos mais adiantados. Naturalmente que essas soluções específicas a que nos referimos não serão encontradas

da noite para o dia. Daí a responsabilidade do nosso ensino universitário.

No que se refere ao ensino da língua estrangeira, é preciso lembrar que estamos vivendo um momento em que a civilização enfatiza o problema da comunicação e o seu veículo mais importante é naturalmente a linguagem, a língua, ou as línguas, quando se trata de comunicação entre povos diferentes. Portanto é de capital importância para o desenvolvimento do país, cultural, econômica ou politicamente falando, o ensino superior de línguas estrangeiras, quaisquer que sejam elas, formando profissionais (*professores*) que irão difundir a língua e propiciar a existência de material humano capaz de se comunicar. Esse ensino deverá formar também *tradutores* e *pesquisadores* capazes de lidar com textos originais da língua estrangeira, interpretando-os corretamente, sem riscos de interpretações de segunda mão, deturpadas às vezes até por fatores ambientais.

De nosso ponto de vista não existem línguas menos ou mais importantes. São todas elas veículo de comunicação intimamente ligado à cultura de um povo. O que existe é a maior ou menor importância de uma determinada língua estrangeira para uma determinada civilização. Se ela tem algo a dizer, a comunicar a um determinado povo, então deve ser estudada por ele. Não nos esqueçamos que, nesse particular, o ensino universitário deve procurar corresponder às aspirações culturais e necessidades práticas da comunidade, ao lado também da preservação dos padrões universais de cultura.

O que dizer, então, da língua alemã com relação à comunidade brasileira? É preciso, no Brasil, que se estude alemão, que se fale alemão, que se leia alemão? Naturalmente que as respostas a essas questões poderiam nos conduzir muito longe — citemos apenas um exemplo a título de condução do problema: o que dizer das bibliografias propostas e do material bibliográfico existente nas nossas Faculdades, para citar apenas algumas áreas mais ligadas a nós, no campo da Filosofia, da Estética e da Teoria Literária ou das Ciências Físicas, Matemáticas e Biológicas? Grande parte do material indicado é, como se sabe, em língua alemã no original. E o que acontece com o nosso estudioso? É geralmente obrigado a recorrer a traduções em inglês ou francês, línguas que nos são mais acessíveis, traduções que chegam até nós com atraso compreensível, em relação ao aparecimento do original, e em edições muito caras, porque estamos, de qualquer forma, adquirindo um livro

estrangeiro. E tudo isso por quê? A resposta está na carência de especialistas no Brasil capazes de trabalhar nesse setor de divulgação científica. Precisamos de técnicos em língua alemã. Nossos pesquisadores, que não dispõem da língua alemã como instrumento auxiliar de trabalho, beneficiar-se-iam da contribuição de equipes de tradutores dessa língua. A formação de intérpretes também é uma necessidade e essa preocupação não é descabida, já que as trocas entre Brasil e Alemanha são consideráveis, bastando lembrar que a Alemanha é o segundo maior investidor de capital estrangeiro no Brasil.

A solução do problema, temos consciência, só será atingida muito lentamente, dependendo da formação de bons profissionais para o magistério, em qualquer nível — seja para o secundário, para o superior ou para os institutos de ensino de língua. De qualquer forma, nossa realidade está a exigir técnicos nessa área, o que não deixa de ser um desafio convidativo ao trabalho para que se cumpra, em tempo tão curto quanto possível, essa fase de nosso desenvolvimento cultural.

Quanto aos métodos e às técnicas para essa aprendizagem, é preciso lembrar primeiramente a variedade deles. Já se ensinou língua estrangeira através do método dito tradicional: teoria gramatical, versão, tradução. É claro que se adquiriam conhecimentos, mas conhecimentos passivos, que raramente chegavam a levar o aluno a fazer uso do idioma aprendido para a comunicação oral. O método direto foi uma reação a esse estado de coisas assim como o foram, mais modernamente, os métodos estruturais baseados nos progressos e pesquisas da lingüística nas últimas décadas. Por outro lado, também já houve época em que o conhecimento da gramática de uma referida língua era já qualificação para a atividade docente daquela língua. Sem dúvida que ela é uma, mas apenas uma, estando claro que o professor deve ter também a capacidade de se comunicar, de falar a língua que ensina. Não se deduza daí que todo aquele que fala uma segunda língua está em condições de ensiná-la. Não sem um preparo para isso. Além da formação profissional ligada a disciplinas pedagógicas, é fundamental que ele conheça a sua própria língua ou a dos alunos, uma vez que é preciso conhecer a estrutura da língua que ensina e a daquela que é falada pelos seus alunos. Só assim o professor poderá ter compreensão para problemas específicos da aprendizagem da segunda língua, pois sabe-se que há nessa aprendizagem grande interferência da língua materna, que pode perturbar ou auxiliar o processo da aprendizagem.

O professor precisa conhecer as coincidências ou contrastes dos dois sistemas lingüísticos para poder utilizar-se das vantagens que as coincidências oferecem, ou prescrever exercícios corretivos no caso da interferência negativa, o que pode ocorrer em todas as camadas da língua. Exemplifiquemos com o caso da aprendizagem da língua alemã por estudantes brasileiros. É natural, como já dissemos, que o estudante transfira hábitos da sua própria língua para a língua estrangeira. Assim, ao nível da fonologia, por exemplo, é freqüente que o nosso estudante transfira a pronúncia velar do *l* pós-vocálico da fala brasileira, como em *alto*, *elmo*, *último*, para palavras alemãs nas quais o *l* na mesma posição deve ser palatal, como por exemplo em *alt*, *elf*. O falante brasileiro tem também forte tendência para pronunciar nasais velares como nas palavras *angu*, *antigo*, o que pode ser transferido erroneamente para vocábulos alemães do tipo *Anzeige*, *Antrag*, nos quais a nasal deve ser linguodental e a vogal é de timbre aberto. Em português as palavras só terminam em três consoantes: *l*, *r* e *s/z*

^v ^v
ou *s*, *z*. Não temos portanto, por exemplo, palavras terminadas por consoante *t* ou *d* como acontece no alemão (*Geschäft*, *und*, *Student*). Temos, porém, *t* ou *d* seguidos do fonema final *i* (oclusivo-fricativo para alguns falantes), como em *cidade*, *onde*, *estudante*. É comum ouvir o estudante brasileiro de língua alemã transferir para as já mencionadas palavras dessa língua estrangeira a vogal final inexistente nelas e a mudança da consoante. Ao nível da sintaxe lembremos, por exemplo, que a posição dos termos na oração subordinada alemã obedece um esquema fixo, no qual o verbo flexionado deve ocupar a posição final na oração. O estudante brasileiro é tentado, porém, a colocar os termos dessa oração na mesma posição que os colocaria em português. Ao nível do léxico pode haver interferência auxiliar, graças ao grande número de radicais comuns (latinos): *studieren*, *korrigieren*, *diktieren* e seus respectivos correspondentes em língua portuguesa.

O importante em torno dessas considerações é o fato de ser preciso levar o aluno a criar novos hábitos de linguagem diferentes daqueles de sua própria língua. É, portanto, dessa perspectiva que o conhecimento da estrutura da língua materna do aluno pode ajudar o professor e o pesquisador no campo do ensino da língua estrangeira, permitindo-lhe prever dificuldades que os estudantes de uma nacionalidade poderiam ter na aprendizagem de uma determinada língua estrangeira e, a partir daí, prescrever exercícios corretivos para cada caso.

Quanto aos métodos existentes no caso da língua alemã, é preciso salientar que o seu ensino tem se beneficiado muitíssimo das mais recentes pesquisas lingüísticas. Há equipes de especialistas entre as quais a do Instituto Goethe em Munique, que vem dando atenção especial aos métodos estruturais, elaborando-os e difundindo-os desde 1965.

É essa a orientação que a Disciplina de Língua e Literatura Alemã da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília tem procurado seguir, naturalmente adaptando os métodos usados para problemas específicos do estudante brasileiro. Trabalhamos com três recursos auxiliares diferentes, preocupando-nos com o ensino da língua alemã em dois níveis, um voltado para a língua culta e outro para a coloquial.

O primeiro desses métodos e o que usamos há mais tempo é o de Schulz-Griesbach, *Deutsche Sprachlehre für Ausländer* (2 volumes). O seu objetivo é dar conhecimentos básicos de língua alemã, daquela linguagem usada diariamente pela camada culta, introduzir conhecimentos gramaticais, proporcionando fonte rica de comparação estrutural com a nossa própria língua. Talvez se estranhe que falemos em gramática, quando parece que a tendência moderna é aboli-la. Mas é preciso levar em conta os objetivos que se têm em mente ao ensinar uma língua estrangeira. Podemos e devemos prescindir da gramática quando se trata de levar o aluno apenas a falar e entender essa língua. Mas no nosso caso, lidamos com estudantes que pretendem a formação profissional como professores de língua alemã. Nesse caso a gramática é também o alicerce para um preparo sólido. É claro que não estamos nos referindo à teorização como fundamento. Ela não é enfatizada e é dada apenas no necessário. Como futuros professores, nossos estudantes precisam também conhecer os detalhes da língua. Como estabelecer comparações se não conhecem a estrutura nova? De qualquer forma, somos de parecer que para se ensinar bem o pouco, é preciso conhecer o muito.

Esse método deve ser introduzido de forma direta. E nesse caso é preciso um grande respeito pela progressão de conhecimentos. É palavra chave no método direto, isto é, é preciso trabalhar apenas com recursos que o aluno conhece, o que é muito importante para que ele se acostume ao uso da língua. Dessa forma a entende e tem desejo de falar. Assim, por exemplo: para ensinar um ítem novo de gramática, devemos usar apenas vocabulário já conhecido, e na introdução de vocabulário novo usar apenas estruturas gramaticais que o

aluno já domine. O método é acompanhado por fitas magnéticas, nas quais o texto é falado duas vezes, havendo na segunda vez pausas para repetição por parte do aluno. Nesse método não há mal algum no emprego de uma palavra na língua materna, de forma rápida, onde ela possa ajudar. Naturalmente que nada de longas exposições. A finalidade é economizar esforços do aluno e professor e centrá-los onde mais necessários. É preciso libertar o aluno tão depressa quanto possível da preocupação com o sentido do texto. Isto tem que ser solucionado o mais rapidamente possível. Daí também a proliferação de métodos visuais. A imagem auxilia a compreensão da situação, assim como muitas vezes a palavra. As experiências mais recentes com grupos de observação têm demonstrado que é extremamente importante o emprego da língua estrangeira pelo professor e alunos, mas demonstraram também não haver mal no emprego da língua materna onde ela possa ajudar a compreensão da situação, levando o aluno mais rapidamente a entender e a repetir estruturas que condicionará. De qualquer forma Schulz-Griesbach dá conhecimentos básicos de gramática, vocabulário de língua culta introduzidos de forma direta, propiciando ao aluno condições de entender, falar e até ler sozinho textos de revistas, jornais e livros. Podemos afirmá-lo com a experiência de nosso trabalho em cursos regulares ou intensivos desde 1964.

O segundo método a que nos referimos, *Deutsch als Fremdsprache* de Braun-Nieder-Schmoe (2 volumes), fundamenta-se essencialmente nas mais recentes concepções de aprendizagem de uma língua estrangeira. Assim como o anterior, foi também criado, desenvolvido e experimentado por uma equipe de especialistas do Instituto Goethe na Alemanha. Essa equipe estava consciente da necessidade de tornar o aprendizado da língua alemã ao mesmo tempo ameno e eficiente. Seu objetivo é também a língua falada, mas em nível coloquial. Para admitirmos a classificação do Prof. Aryon Dall'Igna Rodrigues, enquanto o método Schulz-Griesbach visa a língua falada tensa, este visa a distensa. O método originou-se de dez anos de pesquisas e experiências na Alemanha e fora dela em centros do Instituto Goethe. Trata-se de um curso para principiantes ou alunos com pouco conhecimento anterior da língua alemã. Segundo investigações, usa-se na linguagem diária pouco mais de 1000 palavras (1269) em pequeno número de estruturas padrões. Isso foi demonstrado em 1964, através de pesquisas para o levantamento do vocabulário básico alemão. É esse vocabulário que o método introduz a

princípio, vocabulário distribuído em estruturas fundamentais da língua alemã dialogada. A par disso o livro preocupa-se também com informações da vida do cotidiano na Alemanha e informações de caráter cultural, já que é também extremamente importante o conhecimento da civilização que faz uso da língua estrangeira que se aprende.

O método fundamenta-se nos seguintes princípios originados da pesquisa lingüística e da didática de uma língua estrangeira:

- 1 — ouvir e falar antes de ler e escrever;
- 2 — no início limitação do vocabulário e intensificação da fonética;
- 3 — repetição de modelos de construção lingüística em vez da exigência de construção de orações;
- 4 — exercício como parte fundamental, em vez de esclarecimentos teóricos.

Portanto, o objetivo é conhecimento e domínio de estruturas fundamentais da língua alemã, que conduzam o estudante estrangeiro ao seu emprego ativo. O livro é acompanhado de uma série de recursos óticos e acústicos, embora possa também ser usado sem os mesmos. Os “slides” têm a função de tornar clara imediatamente qual é a situação em que o diálogo vai se desenvolver, pois os livros devem estar fechados a princípio. O aluno deve ouvir e entender, para só depois repetir e falar. Ao primeiro diálogo de cada lição seguem-se exercícios de repetição (drills) que devem fixar as novas estruturas morfo-sintáticas. Robert Lado nos capítulos 4, 5, 10 e 11 de *Language teaching: a scientific approach* é bem esclarecedor quanto a essa técnica.

Mas mesmo quando o professor dispõe de todos os recursos acústicos que acompanham o método, ele não pode ser espectador passivo. Tem exatamente a tarefa de controlar e corrigir, se tiver à disposição todos os meios técnicos que complementam o método.

A nossa experiência em Marília baseia-se ainda no trabalho com mais um livro no ensino da língua alemã: *Guten Tag*.

É um curso de alemão para adultos, preparado em primeira linha para a televisão, há pouco mais de quatro anos. Tivemos oportunidade de vê-lo pela primeira vez por ocasião do I Con-

gresso Internacional de Professores da Língua Alemã, realizado em 1967 em Munique. Seu idealizador é o Prof. Rudolf Schneider, um dos responsáveis pela área de recursos didáticos de natureza técnica do Instituto Goethe de Munique. As primeiras experiências do método para estrangeiros foram feitas na Grécia e Finlândia e diante da sua receptividade começou a haver interesse pelo seu emprego também em salas de aula. Não se baseia em nenhum método de forma especial, embora recorra a princípios modernos de ensino de uma língua estrangeira: recursos audiovisuais e repetição de estruturas padrões, por exemplo. São vinte e seis estórias durante as quais a ação se desenvolve em língua alemã, havendo um livro com os respectivos textos para o estudante. O filme é apenas motivação, de forma alguma substituto do professor. A partir dele o professor estrutura sua aula com as possíveis repetições e substituições e é justamente aí que ele difere de outros filmes, porque requer a função didática. Hoje os “tapes” são distribuídos em mais de quarenta países.

Diante da sua aceitação saiu recentemente um segundo livro, além do livro de textos, o manual para o professor (*Lehrerhandbuch zum Sprachfilm “Guten Tag”*) de autoria de Dietrich Kreplin, e um terceiro também de Rudolf Schneider com material e sugestões para o desenvolvimento da aula, tais como diálogos, ditados, testes (*Der Sprachfilm “Guten Tag” im Unterricht*). Sabemos que está sendo preparada a seqüência do filme sob o título: *Guten Tag wie geht's*.

Naturalmente esse tipo de trabalho didático é ainda campo quase inexplorado. Só muito recentemente começa a aparecer literatura especializada no assunto, pois só agora estamos despertando para mais essa facilidade da tecnologia. Repetimos e enfatizamos porém, que mesmo esse recurso técnico não é substituto do professor. É motivação a partir da qual se constrói a aula, é material didático para o desenvolvimento da mesma, é o quadro animado, vivo e dialogado diante do aluno, para que esse seja conduzido mais facilmente à compreensão da língua estrangeira. De qualquer maneira, é uma forma sugestiva como técnica, pois o estudante vê e ouve, observa o desenvolvimento dinâmico do fato apresentado.

A esse propósito gostaríamos de fazer uma última observação a título de conclusão dessas considerações. O professor de língua estrangeira que trabalha com recursos audiovisuais deve ter muito cuidado ao dosar o seu emprego. Não se deve permitir que esses recursos técnicos acabem poupando dema-

siadamente o aluno no esforço para a aprendizagem. O recurso audiovisual deve ser, isto sim, estímulo. Deve provocar no estudante uma reação que o leve a assimilar conhecimentos e hábitos. É só recurso auxiliar ilustrativo de situações e estimulantes, na medida em que leva o aluno à participação no processo de aprendizagem. É, portanto, meio e não fim. Exageros no seu emprego podem ser tão nocivos quanto a teorização ou longas exposições na língua materna.

Como se pode perceber, os métodos por nós indicados enfatizam a aprendizagem da língua alemã de forma ativa, de tal modo que ela possa ser realmente um veículo de comunicação. Cada um deles dispõe de recursos complementares ao livro didático, que constituem rica fonte de material para uma sólida aprendizagem, a saber:

1 — Braun-Nieder-Schmoe — *Deutsch als Fremdsprache*. Stuttgart, Klett Verlag, 1970.

Material complementar para o volume 1:

- 4 discos
- 4 fitas magnéticas com a duração de 222 minutos à velocidade de 9,5 cm por segundo
- 96 “slides”
- Blasch - *Strukturübungen und Tests*
- Lechner - *Dialogische Übungen*.

Material complementar para o volume 2:

- 3 discos
- 12 fitas magnéticas com a duração de 124 minutos à velocidade de 9,5 cm por segundo
- 96 “slides”
- Blasch - *Strukturübungen und Tests*

2 — Schneider - *Guten Tag*, Berlin, Langenscheidt, 1967.

Material complementar:

- 26 tapes relativos a cada uma das lições
- 1 disco.

3 — Schulz-Griesbach - *Deutsche Sprachlehre für Ausländer*. Grundstufe in zwei Bänden. München, Hüber Verlag, 1970.

Material complementar para ambos os volumes:

— coleção de cartazes coloridos, tamanho 61 x 86, em cartolina, com os seguintes temas: “zu Hause”, “Strassenverkehr”, “im Hafen”, “auf dem Flugplatz”, “auf dem Bahnhof”, “im Büro”, “Hüttenwerk”, “auf dem Schulsportplatz”, “im Selbstbedienungsgeschäft”, “im Restaurant”.

Material complementar para o volume 1:

— 2 fitas magnéticas que reproduzem os textos do livro, com a duração de 176 minutos, incluindo pausas para repetição, à velocidade de 9,5 cm por segundo

— Nieder - *Sprechübungen*: livro de textos e 5 fitas magnéticas com a duração de 283 minutos incluindo pausas para repetição, à velocidade de 9,5 cm por segundo

— 24 “slides” reproduzindo quatro pequenas histórias.

Material complementar para o volume II:

— Nieder - *Sprechübungen*: livro de textos e 6 fitas magnéticas com a duração de 320 minutos à velocidade de 9,5 cm por segundo

— Willeke - *Übungen für das Sprachlabor*: livro de textos e 4 fitas magnéticas com a duração de 192 minutos incluindo pausas para repetição, à velocidade de 9,5 cm por segundo.

Outros livros didáticos também difundidos no Brasil para o ensino da língua alemã a principiantes são, entre outros, Kessler - *Deutsch für Ausländer*. Königswinter, Verlag für Sprachmethodik; Schlimbach: *Kinder lernen Deutsch - Die Familie Schiller*. München, Hüber Verlag; Schulz-Griesbach-Lund - *Auf deutsch, bitt!* München, Hüber Verlag, além do excelente *Moderner deutscher Sprachgebrauch*, München, Hüber Verlag, para alunos mais avançados.

Estas são algumas considerações que nos foram dadas pela nossa experiência na área do ensino da língua alemã a brasileiros. Desejariamos que elas pudessem motivar a manifestação de outros docentes com experiência talvez maior do que a nossa no campo, o que só poderá reverter em contribuição valiosa para o problema do qual tratamos neste depoimento.